

**O fim do lulismo? As representações do lulismo na mídia pós-
*impeachment***

Karen Christina Dias da Fonseca¹
UFABC

Claudio Luis de Camargo Penteado²
UFABC

Sidney Jard da Silva³
UFABC

O objetivo deste trabalho é analisar os discursos sobre o lulismo veiculados por duas revistas brasileiras, Carta Capital e Veja, após o *impeachment* de Dilma Rousseff. O termo "lulismo" foi cunhado pelo cientista político André Singer, para compreender o fenômeno político em curso no país no governo de Lula da Silva (2003-2010). Atualmente, este termo é utilizado por diversos autores nas ciências sociais e também pela imprensa, o que gera representações distintas acerca desse fenômeno político. As duas revistas produziram e veicularam discursos sobre o lulismo, os quais analisamos através da metodologia de análise de discurso francesa, que nos ofereceu instrumentos que permitiram categorizar as representações a partir de suas unidades de sentido. Para tanto, selecionamos matérias que abordaram o lulismo, direta ou indiretamente, tanto em seu material impresso, quanto em suas páginas eletrônicas, no período de 31 de agosto de 2016 à 31 de julho de 2017. Deste modo, foi possível identificar os sentidos dos discursos veiculados, além de compreender como o termo lulismo é representado por uma parcela da mídia brasileira.

Palavras-chave: Lulismo, Análise de Discurso, *Impeachment*, Revista Veja, Revista Carta Capital.

¹ Doutoranda em Ciências Humanas e Sociais na Universidade Federal do ABC (UFABC).

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor associado da Universidade Federal do ABC (UFABC).

³ Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e professor associado da Universidade Federal do ABC (UFABC).

Introdução

A trajetória política de Luís Inácio Lula da Silva, desde as greves metalúrgicas das décadas de 1970 e 1980 até a sua eleição para Presidente da República por dois mandatos consecutivos 2002-2010, têm sido alvo de numerosos e diversificados estudos, bem como de uma cobertura expressiva por parte da mídia.

No ano de 2009, o cientista político André Singer⁴ cunhou o termo lulismo para designar o realinhamento eleitoral que teria ocorrido em 2006 e levado à reeleição de Lula, mesmo após escândalos de corrupção como o Mensalão⁵. Singer (2009) apresenta hipóteses para compreender porque o subproletariado que sempre teve resistência a votar em Lula, passa a fazê-lo em 2006, ao passo que aumenta sua rejeição junto à classe média.

Segundo este autor, o lulismo se formou a partir de mudanças ideológicas que se expressaram no discurso e na prática de Lula, onde elementos de esquerda e de direita se misturaram em uma proposta de coalizão, para garantir a estabilidade do Estado e as políticas de distribuição de renda. Este pacto conservador baseou-se em um reformismo fraco, mas que propiciou melhorias para o subproletariado, que votou maciçamente em Lula e o reelegeram, contrariando a tendência histórica, por parte dessa fração de classe, de votar em candidatos à direita do espectro ideológico.

Desde que o termo lulismo é apresentado, o mesmo começa a ser utilizado e debatido, não apenas no meio acadêmico, mas também no meio midiático. Há diversas apropriações e representações deste termo, tanto por parte de alguns estudiosos, quanto por parte da mídia.

Durante o governo de Dilma Rousseff (2011-2016), o termo lulismo se manteve em uso, pois eram comuns debates em torno da continuidade ou não

⁴ André Singer, além de cientista político, é também jornalista, tendo trabalhado como secretário de redação do Jornal Folha de São Paulo (1987-88), como porta-voz da Presidência da República no primeiro mandato de Lula (2003-2007) e como colunista do mesmo jornal desde 2013.

⁵ Mensalão é o nome dado ao caso de corrupção política que envolvia a compra de votos de Parlamentares no Congresso Nacional, entre 2005 e 2006.

de alguns aspectos lulistas em seu governo, bem como comparações com o governo de Lula. Contudo, após o *impeachment* sofrido pela presidenta em 31 de agosto de 2016, outras questões emergem acerca do lulismo e envolvem a utilização do termo, tais como os erros do lulismo, as possibilidades de continuidade ou se o seu fim pode ser decretado.

Tal contexto nos motivou a realizar neste trabalho uma análise dos sentidos atribuídos ao lulismo, por parte da mídia brasileira, desde o *impeachment* de Dilma Rousseff. Para tanto, selecionamos duas publicações semanais de grande alcance e expressividade, a Revista Veja e a Revista Carta Capital e, através da metodologia de AD de inspiração francesa, buscamos avançar na compreensão dessas representações e dos sentidos veiculados sobre o lulismo.

Deste modo, na primeira seção detalhamos o conceito de lulismo de maneira introdutória, na segunda seção apresentamos a metodologia de pesquisa, os critérios de seleção das publicações e dos dados para análise, na seção subsequente procedemos com a análise das representações da mídia e a categorização dos resultados, e, ao fim, tecemos algumas considerações sobre o trabalho realizado.

Lulismo: o conceito

O conceito de lulismo é utilizado por alguns autores, tais como Singer (2009) e Ricci (2013), para caracterizar o projeto governamental de Lula. Além de autores da Sociologia e da Ciência Política, o conceito também é utilizado fora da academia, como, por exemplo, nos veículos de imprensa.

André Singer o entende como um realinhamento das bases sociais iniciado em 2002, mas tendo atingido seu auge na eleição de 2006. Nesta eleição, o Brasil se dividiu entre pobres e ricos, Lula obteve os votos de eleitores de baixíssima renda, enquanto Alckmin foi votado pelas classes média e alta. Tal fato inverteu a lógica do pleito de 1989, onde Lula angariou os votos das classes mais altas e Collor teve vantagem entre os segmentos mais pobres.

GT 12: A política contemporânea nos meios de comunicação de massa como expressão no universo imagético

A tese de Singer é que Lula obteve os votos dessa camada majoritária de eleitores, que, historicamente, não constrói sua própria representação, o chamado subproletariado. Tal obtenção se deve ao fato que os eleitores provenientes dessa classe foram beneficiados por diversas políticas voltadas a melhoria de suas condições de vida, o que garantiu que votassem maciçamente em Lula a partir da eleição de 2006. Em paralelo, escândalos de corrupção como o mensalão, afastaram o apoio da classe média e alta

O subproletariado, que sempre se manteve distante de Lula, aderiu em bloco à sua candidatura depois do primeiro mandato, ao mesmo tempo em que a classe média se afastou dela. A explicação estaria em uma nova configuração ideológica, que mistura elementos de esquerda e de direita. O discurso e a prática, que unem manutenção da estabilidade e ação distributiva do Estado, encontram-se na raiz da formação do lulismo. (SINGER, 2009, p.83)

Já Ricci (2013) entende o lulismo como uma tentativa de gerenciar o Estado e de estabelecer a governabilidade política. A partir do lulismo o projeto inicial petista foi modificado na década de 1990, deixando de fora o discurso estratégico oriundo dos movimentos sociais que lhe fortaleceram na década anterior, 1980.

Assentado na figura pessoal de Lula e de seu discurso conciliatório e carismático, através do lulismo o projeto desenvolvimentista do Partido dos Trabalhadores foi subordinado à lógica de alianças, o que garantiu a possibilidade de realizar as reformas necessárias. Ao manter o Estado como protagonista da ação pública e a articulação entre as diferentes classes sociais rompeu com o que originalmente era inovador no PT, isto é, a primazia dada à sociedade civil organizada como agente das mudanças sociais e políticas.

O lulismo completa a modernização conservadora iniciada por Vargas porque reafirma o Estado como demiurgo da sociedade civil e das relações de estabilidade das relações sociais no Brasil. Não inova em termos de processo decisório na gestão pública. [...] O lulismo não rompe objetivamente com esse sistema. Ao contrário, apoia-se no presidencialismo de coalizão que reafirma a dualidade política. E incorpora as massas até então marginalizadas socialmente (a mais significativa mudança ao longo de sua gestão) pelas mãos do Estado, eliminando qualquer controle social ou sistema integrado de

participação dos beneficiados na gestão das ações estatais. (RICCI, 2013, p. 33)

O lulismo, contudo, não terminou junto com o fim do governo Lula, a eleição de Dilma duas vezes à Presidência da República parece mostrar que as práticas e discursos lulistas tiveram continuidade e a aprovação das urnas.

Segundo Singer (2016), o lulismo no governo Dilma apostou numa coalizão entre industriais e trabalhadores, continuando as reformas graduais e promovendo a reindustrialização através do ativismo estatal, com algumas ações pontuais, dentre elas: a redução dos juros, o uso intensivo do BNDES, a aposta na reindustrialização, desonerações, planos para a infraestrutura, reforma do setor elétrico, desvalorização do real, controle de capitais e proteção ao produto nacional, porém este plano fracassou.

Mesmo com o fracasso do projeto lulista, os autores concordam em ressaltar a importância do discurso para o lulismo. No cenário pós-*impeachment* atual, em que este projeto enfrenta a sua maior crise, os discursos da grande mídia nos fornecem um panorama para a compreensão deste fenômeno político por um outro viés, através dos sentidos que veiculam sobre o lulismo em suas publicações.

Compreender como um discurso produz e veicula sentidos é um dos objetivos primordiais da Análise de Discurso de inspiração francesa, como detalhamos a seguir.

Metodologia e seleção dos dados

A metodologia que utilizamos para este trabalho é a Análise de Discurso de inspiração francesa, mais precisamente a desenvolvida por Orlandi. Segundo esta vertente de AD, as palavras não possuem um sentido único e evidente, mas sim assumem diferentes significados no interior de cada formação discursiva.

A formação discursiva é o que em uma dada formação ideológica e conjuntura define o que pode ou não ser dito e como dizê-lo (ORLANDI, 2009).

GT 12: A política contemporânea nos meios de comunicação de massa como expressão no universo imagético

Assim, os sentidos são definidos ideologicamente, não estão previamente estabelecidos na língua, mas se constituem nas e pelas formações discursivas. Isto implica em afirmar que o sentido não existe fora das posições ideológicas que os produzem e do sujeito que os emprega, isto é fora da sua formação ideológica e discursiva. Ao analisarmos um discurso a partir do referencial teórico e metodológico se faz necessário remeter o dizer à formação discursiva ao qual pertence e compreender a construção de sentido no discurso.

Para tanto, recorreremos ao texto, que embora não resuma o sujeito, traz traços importantes de como este sujeito pratica significados e com qual ideologia está comprometido. Não se trata de apontar momentos no texto onde a ideologia “aparece”, mas sim compreender que na formulação foi estabelecida uma versão, isto é, uma interpretação onde o sujeito e o sentido se identificam, se reconhecem e onde podemos acessar a discursividade. Assim, o analista pode observar a ideologia do texto através dos gestos de interpretação que tomam corpo no discurso.

Orlandi utiliza a palavra gesto, pois quer romper com a separação entre as formações discursivas e as marcas no texto, ressaltado a corporificação do símbolo no texto. O sujeito está presente com seu corpo ao discurso, se assume autor, transforma o discurso em texto. O texto é tomado não como um documento ou prova, mas sim como uma unidade de análise que é material, mas também ponto de observação do simbólico. No texto, o que interessa ao analista são

[...] pontos no texto onde aflora a discursividade em seu real contraditório: incompleto, lugar de tensão entre o mesmo e o diferente, dispersão do sujeito e do sentido. É isto que se manifesta materialmente no texto e é aí que incide o olhar do analista. (ORLANDI, 2008, p. 12)

Assim, a palavra em si não é o centro da reflexão, mas sim as unidades de sentido que tomam corpo no discurso e os sentidos que veiculam, bem como os sujeitos e suas formações discursivas, que podem ser analisados e categorizados. Ademais, as diferentes posições dos sujeitos que o inscrevem em determinada formação discursiva nem sempre são claras, muitas vezes o que o sujeito não diz que constitui o sentido de seu discurso.

Deste modo, o objetivo da análise de discurso é explicitar como um texto produz sentido. Em seu trabalho, o analista de discurso deve mostrar os mecanismos dos processos de significação que estão presentes na textualização da discursividade.

No caso específico deste trabalho, para compreender quais os sentidos veiculados pela mídia nas suas representações do lulismo, primeiramente estabelecemos critérios de seleção dos textos que seriam analisados. Dada a enormidade de representações na mídia sobre este tema, selecionamos apenas duas publicações semanais a Revista Veja e a Revista Carta Capital.

Tal escolha se justifica para que a análise fosse mais profunda e pontual, mas que também nos permitisse acessar duas formações discursivas distintas.

A Revista Veja é a revista informativa semanal de maior circulação no país, de responsabilidade da Editora Abril, e tem como missão,

ser a maior e mais respeitada revista do Brasil. Ser a principal publicação brasileira em todos os sentidos. Não apenas em circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística, mas também em sua insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil.⁶

A política é uma das principais preocupações da revista, tanto que as matérias sobre questões políticas ocupam a maioria das capas além de estarem na agenda de temas relevantes.

No ano de 2008, a Editora Abril organizou o seminário “O Brasil que queremos ser”, onde foram discutidos temas como: democracia, economia, educação, imprensa, megacidades, meio ambiente, pobreza e raça. Neste seminário foram definidas 40 propostas para a nação a partir do comprometimento da Revista Veja com essas grandes questões.

Tal posicionamento implica em dizer que não há um compromisso com a imparcialidade ou a pluralidade na cobertura dos fatos, mas sim, a preocupação em indicar caminhos para questões nacionais. Deste modo, a Revista Veja e a Editora Abril mostram a inclinação não apenas em informar e

⁶ <http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja/plataformas/revista-impressa>

estar no mercado, mas também em participar de campos políticos e econômicos estratégicos defendendo seus interesses e prerrogativas.

Segundo Nascimento (2002), o discurso da Revista Veja é o discurso do poder, se ocupando principalmente do poder instituído, o político; e o discurso do saber, oferecendo conhecimento sobre o mundo para o leitor. Em ambos os discursos há sempre o padrão explicativo e opinativo, colocando a própria Revista como fonte de conhecimento.

Assim, o jornalismo praticado por Veja busca ser normatizador, colocando-se como capaz de ditar normas ao leitor baseado no pressuposto que detém um saber que o leitor não possuiu.

Já a Revista Carta Capital, bem mais recente, começou a ser publicada pela Editora Confiança ano de 1994. Com uma editora que não tem o poder e a magnitude da Editora Abril e com uma circulação bem menor, Carta Capital não se posiciona oficialmente como indicadora de rumos para o país. No entanto, Carta Capital apoiou abertamente as candidaturas de Lula e Dilma à Presidência da República, em textos assinados por seu criador e atual Diretor de Redação Mino Carta.

No site da Revista Carta Capital, o próprio Mino Carta define a missão da revista,

Está a serviço da democracia e da diversidade de opinião, contra a escuridão do autoritarismo do pensamento único, da ignorância e da brutalidade⁷.

Com um público predominantemente das classes A e B e com tiragem entre 50 e 75 mil exemplares, foi selecionada em virtude de ser uma publicação de grande visibilidade que se alinha com o pensamento dito de esquerda.

As duas revistas seguem linhas editoriais bem distintas, com posições ideológicas muitas vezes opostas, o que interfere sobremaneira em seus discursos e no tratamento dado a fatos, informações e conceitos.

O primeiro passo para realizarmos a análise das representações do lulismo na mídia foi a composição do *corpus* da pesquisa, com a coleta dos

⁷ <https://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital>

GT 12: A política contemporânea nos meios de comunicação de massa como
expressão no universo imagético

dados empíricos que seriam analisados, selecionados a partir de textos publicados nas versões impressas e nos sites das revistas.

Para compor o *corpus* da pesquisa, era necessário que o texto não apenas citasse o termo lulismo, mas que pudesse ser entendido como uma representação do mesmo, isto é, que contivesse alguma construção de sentido acerca do lulismo.

Não tomamos somente as versões impressas para analisarmos as revistas, pois os *sites* das mesmas trazem, além do conteúdo presente nas edições impressas, alguns blogs e colunas de opinião que veiculam representações importantes sobre o lulismo, e, portanto, foram selecionados para o *corpus* de análise.

No total foram analisadas as 48 publicações impressas de Veja e as 44 publicações impressas de Carta Capital, compreendidas entre 31 de agosto de 2016 e 31 de julho de 2017, além dos textos encontrados pela ferramenta de busca dos *sites* de ambas as revistas no mesmo período.

Ao utilizarmos a ferramenta de busca do *site* de Veja digitando o termo lulismo e aplicando o filtro da data, tivemos muitos resultados de publicações do período em que Lula foi Presidente da República que foram recentemente atualizadas, constando assim como uma publicação do período temporal da pesquisa.

No entanto, a maioria destes resultados correspondia a textos escritos pelo então colunista da Revista Veja, Diogo Mainardi, que tinham sido citadas no blog do Reinaldo Azevedo. Contudo, o teor da matéria permaneceu o mesmo, sem haver qualquer atualização que compreendesse o período pós-*impeachment*. Por este fato, tais textos não foram selecionados, com a exceção de um de autoria do próprio Reinaldo Azevedo.

Além deste, um texto assinado por Roberto Pompeu de Toledo, da edição impressa da revista também tratou do lulismo e foi selecionado, sendo assim, tivemos apenas duas publicações selecionadas no período, compreendendo edições impressas e *site* de Veja, como se segue na tabela abaixo.

Tabela 1. Matérias analisadas - Revista Veja

Data	Título	Autor
21/02/2017	Lulismo: a auto-referência a serviço da propagação da ignorância. Ou: de ratos e elefantes	Reinaldo Azevedo
03/05/2017	O fator Lula	Roberto Pompeu de Toledo

Já a Revista Carta Capital apresentou um número bem maior de representações sobre o lulismo, no total foram 14 textos selecionados, escritos por jornalistas e colaboradores, tanto em sua versão impressa quanto em seu *site*, como está detalhado na tabela a seguir,

Tabela 2. Matérias analisadas - Revista Carta Capital

Data	Título	Autor
02/09/2016	O Brasil sob o golpe: seis hipóteses polêmicas	Antônio Martins
05/09/2016	Superar o lulismo para uma nova alternativa	Antônio Martins
12/09/2016	Após o impeachment, o Brasil precisa de outra política	Antônio Martins
15/09/2016	Lula: os limites e a história	Jean Wyllys
29/09/2016	Os desafios das esquerdas fragmentadas	Roberto Amaral
04/11/2016	O avanço do atraso e o desafio das esquerdas	Roberto Amaral
28/06/2017	Que querem os Marinho?	Marcos Coimbra
23/02/2017	Saída de Serra abre espaço para Temer refazer política externa	André Barrocal
24/04/2017	O Brasil está em um ponto morto da história. E nada se sabe do futuro	Roberto Amaral
29/05/2017	Marcelo Freixo: "É muito evidente que há desejo em incriminar o Lula"	Marcelo Freixo
17/07/2017	Por que Lula?	Roberto Amaral
19/07/2017	O xadrez pós-Temer	André Barrocal
27/07/2017	Lembremos 1961	Roberto Amaral
30/07/2017	Roberto Amaral: "Não subestimo	Roberto Amaral

	Bolsonaro”	
--	------------	--

As representações do lulismo na mídia pós-*impeachment*

Quem primeiro desenvolveu o conceito de representação coletiva foi Émile Durkheim. Por muito tempo esquecido, esse conceito foi retomado e ressignificado por Serge Moscovici (1978) em sua teoria das representações sociais.

Embora originalmente do campo da Psicologia Social, essa teoria abriu perspectivas para o entendimento nas Ciências Sociais, dos processos de apropriações de saberes e ideologias, que são processados pela coletividade e transformados em propriedade impessoal, para então serem manuseados de acordo com valores e intenções individuais ou coletivas.

As representações sociais serão diferentes de acordo com as relações de comunicação, por isso, a mídia tem papel fundamental nessas representações, pois usa de discursos de especialistas, os chamados “formadores de opinião”, como propagadores de determinadas representações sociais (MOSCOVICI, 1978).

Neste trabalho, entendemos cada representação como uma unidade de sentido, isto é, trechos, frases ou palavras que expressam os sentidos do discurso. Segundo a metodologia de Análise de Discurso, depois de identificadas, tais unidades de sentidos podem ser categorizadas a partir das similaridades entre elas. Deste modo, o analista pode propor categorias que agrupem as unidades de sentido semelhantes entre si para desenvolver a sua análise (ORLANDI, 2010).

Em cada texto analisado encontramos representações sobre o lulismo que foram selecionadas e categorizadas em dois eixos. : Definições e Críticas e Previsões e Hipóteses.

No eixo Definições e Críticas agrupamos as representações que apontavam diagnósticos, erros e acertos do lulismo. No eixo Previsões e

Hipóteses categorizamos as representações que apontavam caminhos e suposições acerca do futuro do lulismo.

No total tivemos 12 categorias de representações do lulismo, 10 da Revista Carta Capital e 2 da Revista Veja, sendo 7 no eixo Definições e Críticas e 5 no eixo Previsões e Hipóteses. Abaixo apresentamos a tabela com as representações da Revista Veja,

Tabela 3. Representações sobre o lulismo – Revista Veja

Definições e críticas
11. O lulismo é auto-referência à serviço da propagação da ignorância
Previsões e Hipóteses
12. A prisão seria a melhor saída para Lula e os lulistas

Embora o número de representações sobre o lulismo na Revista Veja tenha sido pequeno ele nos fornece pistas de como esta publicação representa e significa o lulismo. Observemos este trecho escrito por Roberto Pompeu de Toledo

Quer saber? Acho que do estrito ponto de vista político a prisão seria hoje a melhor saída para Lula. E para os lulistas.⁸

Ao indicar que o lulismo está à serviço da ignorância e apontar a prisão como melhor saída para Lula e os lulistas, a Revista, na voz de seus locutores, se coloca firmemente contra o lulismo.

Outro fato que merece ser refletido é o silenciamento acerca do lulismo no período pós-*impeachment*. Durante os governos Lula e Dilma eram muito comuns textos que tratavam da temática do lulismo, porém esta discussão praticamente desapareceu da Revista Veja neste último ano.

Segundo Orlandi (2010), o silenciamento ou política do silêncio pode produzir um silêncio local, isto é, a censura daquilo que não se pode dizer em determinada conjuntura

⁸ Revista Veja, edição 2528, ano 50, n.18, 3 de maio de 2017, página 98.

GT 12: A política contemporânea nos meios de comunicação de massa como expressão no universo imagético

As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras. Daí que, na análise, devemos observar o que não está sendo dito, o que não pode ser dito, etc. (ORLANDI, 2010, p. 83)

O silêncio pode não dizer, mas significa. A textualização de um discurso em palavras tem uma relação com o político, quando se opta por não dizer algo, apagar palavras, há um confronto do simbólico com o político, apontando o significado do dizer para uma direção determinada pela articulação entre o sentido e as relações de poder.

Essas relações se definem por sua inscrição em diferentes formações discursivas que representam diferentes relações com a ideologia, configurando o funcionamento da língua regida pelo imaginário. (ORLANDI, 2008, p. 129)

Deste modo, o que não está sendo dito pela Revista Veja tem muito a nos dizer, pois mesmo estando em uma conjuntura de crise, o lulismo ainda é horizonte possível em nossa história política, sendo o Lula o candidato favorito para ganhar as próximas eleições segundo as recentes pesquisas⁹.

Já a Revista Carta Capital trouxe um número considerável de representações sobre o lulismo nos textos selecionados, como detalhamos na tabela a seguir.

Tabela 4. Representações sobre o lulismo – Revista Carta Capital

Definições e críticas
1. O lulismo tem limites, contradições e insuficiências
2. O lulismo manteve intacto o poder das elites
3. O lulismo dificultou a mobilização de massas
4. O lulismo se tornou vulnerável quando foi pragmático
5. O lulismo foi um projeto de centro-esquerda que procurou conciliar as classes
6. O lulismo tem valores de direita que não representam a esquerda
Previsões e Hipóteses

⁹ Pesquisa Datafolha realizada nos dias 26 e 27 de abril de 2017, com 2.781 entrevistados em 172 municípios, em que Lula tem a preferência de voto de 30% dos eleitores.

7. É preciso superar o lulismo com críticas e diálogo
8. A esquerda precisa projetar um futuro comum
9. A condenação de Lula e o <i>impeachment</i> visam à morte do lulismo
10. A estratégia lulista é usar a condenação a favor da candidatura de Lula

Ao todo foram 10 categorias discursivas, que veicularam representações diversas sobre o lulismo. Tais representações vão desde críticas duras e pontuais a aspectos do lulismo e de suas estratégias adotadas, até elogios, previsões e recomendações quanto ao seu possível futuro.

Mesmo sendo diferentes entre si, as representações consideram que no cenário pós-*impeachment* o lulismo ainda está presente no debate político e a Revista dá espaço para esse debate.

De um modo geral, as representações indicam que as estratégias adotadas pelo lulismo afastaram o governo dos movimentos sociais de base e das bandeiras históricas da esquerda. Lideranças sindicais e populares foram incorporadas à burocracia estatal, mudando o cenário da luta política das ruas para os gabinetes. Como diz Antônio Martins no texto: “*Após o impeachment, o Brasil precisa de outra política*”,

A queda do lulismo é também resultado deste declínio. As elites sempre quiseram livrar-se dele, por quaisquer meios possíveis. Porém, só puderam fazê-lo quando o segundo governo Dilma submeteu-se ao cretinismo institucional a ponto de desconcertar e paralisar a imensa base popular construída ao longo de trinta anos.¹⁰

Para um governo pautado na coalizão, nos acordos institucionais e nas alianças com setores mais conservadores e com as elites, os gabinetes não se tornaram lugares privilegiados para efetivar as reformas estruturais e as políticas sociais que o país necessitava.

Decorre daí, que o projeto lulista foi derrubado pelas elites porque manteve intacto o poder delas, se tornou vulnerável porque esvaziou os movimentos sociais que lhe serviam de base e apostou em coligações eleitorais seguindo a lógica da direita. Forças liberais e conservadoras se

¹⁰ <https://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/a-hora-de-outra-politica>

uniram para derrubar o lulismo quando o mesmo buscou aprofundar a conciliação de classes. Como nas palavras de Roberto Amaral no texto: “*Superar o lulismo para uma nova alternativa*”,

O poder das elites manteve-se intacto: no controle exercido pelos bancos sobre as finanças públicas; no sistema político caquético e estruturalmente corrupto; nas comunicações de massa dominadas por um oligopólio arcaico; nos Orçamentos da União, Estados e Municípios colonizados pelas grandes empreiteiras; na acomodação à letargia de um empresariado decadente e na ausência de um esforço de reindustrialização planejada; num modelo agrícola sempre baseado na devastação social e ambiental do agronegócio. Estas ausências emparedaram e terminaram condenando o lulismo.¹¹

Algumas representações sugerem que o lulismo não representou os interesses da esquerda, mas sim constituiu, no máximo, um governo de centro-esquerda com tendências conservadoras, como observamos na fala de Marcelo Freixo na entrevista concedida à Carta Capital,

Lula cumpriu um papel, uma lógica de governabilidade, de conciliação, de acordos, que fizeram muito mal à esquerda. Até hoje não temos um programa nacional de esquerda e isso tem relação com o método adotado pelo Lula e por outros. Divergimos bastante disso, o “lulismo” não nos representa, nem no passado recente, muito menos agora.¹²

Outras hipóteses sugerem que a conjuntura pós-*impeachment* pode ser favorável para uma possível candidatura futura de Lula, e que aqueles que visavam o fim do lulismo podem vê-lo reaparecer ainda mais forte, como sugere André Barrocal, no texto: “*O xadrez pós-Temer*”,

O PSDB segue desorientado, com o denunciado Aécio Neves a circular incomodamente no partido, e os tucanos sem saber se abandonam Temer, se festejam a sina de Lula ou se silenciam para não alimentar a estratégia lulista de usar a condenação em favor de outra candidatura presidencial dele.¹³

¹¹ <https://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/superar-o-lulismo-para-uma-nova-alternativa>

¹² <https://www.cartacapital.com.br/blogs/quadrinsta/marcelo-freixo-e-muito-evidente-que-ha-desejo-em-incriminar-o-lula>.

¹³ <https://www.cartacapital.com.br/revista/961/o-xadrez-pos-temer>

Considerações finais

Diante do exposto até aqui, podemos concluir que as revistas Veja e Carta Capital diferem muito nas representações que fazem acerca do lulismo. Enquanto Veja praticamente silenciou este termo de suas publicações, Carta Capital traz regularmente à tona discussões sobre o lulismo, produzindo uma série de representações a esse respeito.

Segundo Orlandi (2009) os fatores que determinam a repetição e o apagamento nos discursos são, principalmente, de ordem sócio histórica. O sócio histórico se produz na ordem do discurso, como manifestação das 'línguas de Estado' que se imprimem nas formações discursivas, fragmentam a lembrança dos acontecimentos históricos, presentes na memória coletiva a partir de certos enunciados, dos quais elas podem tanto ditar a recorrência, enquanto relegar outros ao esquecimento e a queda.

A formação discursiva de Veja, de um jornalismo normativo, explicativo e opinativo, que se coloca na posição de apontar caminhos para o país e para o seu leitor, diante da conjuntura sócio histórica do *impeachment* acaba por silenciar em seu discurso as representações sobre o lulismo, pois não tem interesse em sua continuidade no cenário político brasileiro.

Já a formação discursiva de Carta Capital, à esquerda do espectro político e orientada pelo apoio à Lula e Dilma, busca produzir novas representações acerca do lulismo, mesmo no contexto sócio histórico pós *impeachment*, de modo a ressignificá-lo, refleti-lo e lhe propor um futuro possível.

As formações discursivas e ideológicas de ambas as revistas são divergentes, isso repercute em seus discursos e nas suas respectivas representações, fazendo circular diferentes sentidos acerca do lulismo. Assim, silenciado ou dito, repetido ou apagado, o termo lulismo ainda está presente nas representações da mídia, o seu conceito ainda está em disputa no campo acadêmico e o seu retorno ainda é uma possibilidade no cenário político. Portanto, nos cabe considerar ao término deste trabalho, que o lulismo ainda não está no seu fim, independente das representações que se façam a respeito dele.

Referências

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil**: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete. São Paulo: Annablume, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: Formação e circulação dos sentidos. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

RICCI, Rudá. **Lulismo**: da era dos movimentos sociais à ascensão da nova classe média brasileira. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira / Contraponto, 2013.

SINGER, André. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 85, p. 83-102, 2009.

SINGER, André e LOUREIRO, Isabel (orgs.). **As contradições do lulismo**: a que ponto chegamos? São Paulo: Boitempo, 2016.